



REFLETINDO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL A PARTIR DA POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE INTEGRAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DIALÓGICOS À LUZ DE PAULO FREIRE¹

Áreas Temáticas: Ciências da Saúde / Saúde Coletiva / Educação

**Autores(as): C.C.da SILVA FILHO²; A.C. BAUERMANN³; L. FREITAS⁴; G.F.
CAUS⁵; G.FONSECA⁶**

Resumo:

No âmbito da Saúde Coletiva, apesar dos avanços trazidos em 2011 pela Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, evidencia-se que as conquistas continuam modestas frente à pouca qualificação e formação dos profissionais de saúde frente estas temáticas. O objetivo geral desse trabalho é relatar a contribuição e desafios dos espaços dialógicos promovidos por um projeto de cultura para debater questões

¹ Financiamento: Bolsa Cultura concedida entre Julho e Dezembro de 2017 pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), ao Projeto de Cultura intitulado “*Refletindo sobre identidade de gênero e orientação sexual a partir da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: construção de espaços dialógicos à luz de Paulo Freire*” aprovado com Bolsa Cultura pelo Edital interno Nº 551/GR/UFFS/2017.

² Cláudio Claudino da Silva Filho. Coordenador do projeto de cultura intitulado “*Refletindo sobre identidade de gênero e orientação sexual a partir da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: construção de espaços dialógicos à luz de Paulo Freire*” aprovado com Bolsa Cultura pelo edital Nº 551/GR/UFFS/2017. Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Especialista em Preceptoría no Sistema Único de Saúde pelo Hospital Sírio Libanês, Bacharel em Enfermagem pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Tutor e Coordenador do Grupo Enfermagem no PET Saúde / GraduaSUS. Coordenador Adjunto de Cultura e Professor Adjunto dos cursos de graduação em Enfermagem, Pedagogia e Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó. E-mail: claudio.filho@uffs.edu.br.

³ Adriana Carolina Bauermann. Voluntária do projeto de cultura em questão (Bolsa Cultura Edital Nº 551/GR/UFFS/2017). Farmacêutica (Unochapeco). Mestranda em Ciências da Saúde (Unochapeco), Acadêmica do curso de licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó. E-mail: bauermann@gmail.com.

⁴ Lorryna de Freitas. Voluntária do Projeto de Cultura em questão (Bolsa Cultura Edital Nº 551/GR/UFFS/2017). Acadêmica do Curso de licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó. E-mail: lorrynafreitas@gmail.com.

⁵ Giovani Francisco Caus. Bolsista do projeto de cultura em questão (Bolsa Cultura Edital Nº 551/GR/UFFS/2017). Acadêmico do Curso de Bacharelado em Agronomia, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó. E-mail: giovanicaus@hotmail.com.

⁶ Graciela Soares Fonseca. Coordenadora Adjunta do projeto de cultura em questão (Bolsa Cultura Edital Nº 551/GR/UFFS/2017). Doutora e Mestra em Ciências Odontológicas com área de concentração em Odontologia Social, pela faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (FOUSP), com Estágio de Doutorado Sanduíche na Escola de Enfermagem São João de Deus da Universidade de Évora, Portugal, Cirurgiã-dentista graduada pela Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia. Professora Adjunta do curso de graduação em Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó. E-mail: graciela.fonseca@uffs.edu.br



de gênero voltadas à comunidade LGBTQIA+, com ênfase para a saúde. Trata-se de um relato de experiência acerca do projeto de cultura intitulado: “*Refletindo sobre identidade de gênero e orientação sexual a partir da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: construção de espaços dialógicos à luz de Paulo Freire*” aprovado pelo Edital interno Bolsa Cultura Nº 551/UFFS/2017. Para debater as questões propostas, optou-se pela lógica dialógica e problematizadora com base nos preceitos de Paulo Freire, mediante encontros com a participação de debatedores(as) convidados(as), além da exibição de audiovisuais, para instigar reflexões e facilitar os debates. As rodas de conversa sobre questões de gênero e saúde são fundamentais debater e visibilizar casos de homofobia, transfobia, lesbofobia e outras vertentes de violência dentro do *campus* universitário. Os debates sobre as necessárias diferenças conceituais entre identidade de gênero e orientação sexual, além da reflexão sobre os limites e possibilidades para o SUS quanto à Política LGBT, possibilitarão uma formação em saúde mais atenta ao respeito de ser quem se quiser, como âncora da humanização do cuidado, integralidade, equidade e justiça social.

Palavra-chave: Identidade de gênero; Orientação sexual; LGBTQIA+.

Introdução e objetivo

Dar visibilidade e representatividade a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, e outras formas de gênero fluido) trás consigo um leque de possibilidades para a abordagem de preconceitos, discriminações, (in)visibilidades e violência(s). Na área da saúde, muito se tem discutido sobre o acesso às políticas públicas que tem sido desenvolvidas para toda esta comunidade, desde materiais informativos para os serviços que compõem o Sistema Único de Saúde (SUS), até a desmistificação dos debates sobre gênero e sexualidade, como estratégia para enfrentar pensamentos e atitudes preconceituosas, ancoragem das discriminações a partir do senso comum. O conservadorismo e moralismo geram danos à dignidade humana inclusive no setor saúde, como por exemplo, a discriminação causada pelo sistema de doação de sangue ao não permitir a plena participação de pessoas homoafetivas. Essa ideia, chancelada mais socialmente que cientificamente, para “prevenir o risco” de contaminação por HIV, não é a

mesma quando se trata de relações heterossexuais sem proteção, onde não se é impedido com a mesma ênfase de fazer esta doação sanguínea.

O Brasil é hoje o lugar mais violento do mundo para essa comunidade, onde além do adoecimento psíquico e suicídio provocados por décadas de discriminação, seja da sociedade, familiar ou Estatal, chama atenção também pelos indicadores de assassinato.

No âmbito da Saúde Coletiva, apesar dos avanços trazidos em 2011 pela Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (BRASIL, 2013), proposta para o SUS e Saúde Suplementar atentarem à saúde da população LGBTQIA+, permitindo inclusive o registro de casos de violência(s), evidencia-se que as conquistas continuam modestas frente à pouca qualificação e formação dos profissionais de saúde frente esta temática.

Assim, o objetivo geral desse trabalho é relatar a contribuição e desafios dos espaços dialógicos promovidos por um projeto de cultura para debater questões de gênero voltadas à comunidade LGBTQIA+, com ênfase para a saúde.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência acerca do projeto de cultura intitulado: *“Refletindo sobre identidade de gênero e orientação sexual a partir da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: construção de espaços dialógicos à luz de Paulo Freire”* aprovado pelo Edital interno Bolsa Cultura Nº 551/UFFS/2017 pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como continuidade do projeto de cultura também contemplado com bolsa, intitulado *“Violências, medicação de conflitos e cultura de paz à luz do pensamento de Paulo Freire: construção participativa de audiovisuais para sensibilização de graduandos(as) em saúde”* (Edital interno Bolsa Cultura Nº 512/UFFS/2016). Para debater as questões propostas, optou-se pela lógica dialógica e problematizadora com base nos preceitos de Paulo Freire, mediante um processo de educação coletiva que acontece por meio do diálogo, proporcionando a troca de saberes e experiências com a realidade dos sujeitos participantes. Por conseguinte, o arcabouço teórico-conceitual do trabalho também foi a práxis do Educador Paulo Freire, a partir dos conceitos-chave de Dialogicidade e Problematização. Portanto, os “encontros dialógicos” basearam-se na epistemologia Freireana sobre encontros, diálogos, educação como prática de libertação, pedagogia da autonomia e educação como ato político (FREIRE, 1979, 2015,

2016) e contaram com a participação de debatedores convidados, além da exibição de audiovisuais, para instigar reflexões e facilitar os debates.

Desenvolvimento e processos avaliativos

Como resultados, demonstrou-se que desenvolver projetos sobre essa temática dentro da universidade, faz com que os discentes se informem e debatam determinados assuntos de interesse comum. Dialogar sobre as questões de vida, saúde e segurança dos(as) LGBTQIA+ é dar representatividade aqueles que já convivem na universidade. É um espaço que nos propicia trabalhar com conteúdos produzidos e documentados pelos próprios representantes da diversidade de sexo e gênero, por linguagens audiovisuais como documentários, fotografias e filmes, com presença dos(as) convidados(as) debatedores(as) que trabalham nas causas sociais e da saúde LGBTQIA+. Abrir espaços dentro das universidades para pautas como o desenvolvimento da binariedade de gênero, construído desde a formação do indivíduo quando criança, até as características da sexualidade, provoca reflexões nestes ambientes, concede merecida importância ao lugar de fala para aqueles(as) que passam por dificuldades em assumir suas orientações, e também enfrenta o descaso do Estado.

Reflexões no coletivo oportuniza usar linguagens culturais para comunicar aspectos do cotidiano do ser pessoa LGBTQIA+, como na complexa transição de gênero, e o exercício livre de estigmas nas relações homoafetivas. Ao dar devida visibilidade e segurança a comunidade, é possível construir relações mais horizontais, com base no respeito aos direitos de todos(as) dentro e fora desta sigla, tornando tal causa uma luta de resistência para toda sociedade.

As rodas de conversa sobre gênero e saúde são fundamentais para que os(as) participantes, além de meros ouvintes, possam apresentar propostas para a inclusão de novos temas e também para denunciar problemáticas afins, como casos de homofobia, transfobia, lesbofobia e outras vertentes de violência dentro do *campus* universitário. É através do apoio popular que a luta pelo nome social nas universidades, no Sistema Único de Saúde, carteira de trabalho -assim como em outros órgãos públicos- é efetivada. Estas conquistas são mobilizadas pelo ativismo LGBTQIA+, que enxerga possibilidades de orientar a população no combate as violências registradas por alguns serviço de saúde excludentes.

A necessidade de debater temas que priorizam as vidas dos LGBTQIA+ parte do pressuposto de que a falta de informação prejudica o acesso da própria comunidade à



políticas públicas que lhes assegurem acesso com qualidade à políticas pelo Estado, o qual inclusive deve minimizar atos de violência física, sexual, psíquica e de diversas ordens contra todas(os).

Inserir os diálogos em lugares onde é crescente os ataques de fobia à comunidade debatida aqui, impulsiona a população a desconstruir padrões que se estabeleceram historicamente, fazendo com que haja efetivamente respeito e garantia da saúde integral à comunidade LGBTQIA+, inclusive ancorado no princípio constitucional da equidade, pelo entendimento da dívida histórica que todos(as) temos com aqueles(as) que sofrem todos os dias ao reprimirem seu eu e suas possibilidades de ser.

Considerações Finais

Os debates em espaços universitários sobre as necessárias diferenças conceituais entre identidade de gênero e orientação sexual, além da reflexão sobre os limites e possibilidades para o SUS quanto à Política LGBT, possibilitarão uma formação em saúde mais atenta ao respeito de ser quem se quiser, como âncora da humanização do cuidado, integralidade, equidade e justiça social. Componentes Curriculares como gênero e saúde, e violência e saúde, podem constar nas matrizes curriculares de todas as categorias deste setor, sem excluir os necessários debates transversais de temáticas como as especificidades desta comunidade ao demandarem cuidado e acolhimento.

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília : 1. ed., 1. reimp. Ministério da Saúde, 2013. 32 p. : il. ISBN 978-85-334-144-5. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf> , acesso em 25 Set 2018.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa**. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62ª . ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.